



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO TEATRO BRASILEIRO PELO CRÍTICO SÁBATO MAGALDI

Cássia Abadia da Silva\*

Rosangela Patriota Ramos\*\*

1

Espelho do fazer que hoje define uma sociedade, o discurso histórico é ao mesmo tempo sua representação e seu reverso. exige Ele não é o todo – como se o saber fornecesse a realidade ou a fizesse aceder ao seu grau mais elevado! Esse lance maior do conhecimento está ultrapassado. Todo o movimento da epistemologia contemporânea, no campo das ciências- ditas "humanas", o contradiz e, antes, humilha a consciência. O discurso histórico não é senão uma cédula a mais numa moeda que se desvaloriza. Afinal de contas não é mais do que papel. Mas seria falso lançá-lo do excesso de honrarias ao excesso de indignidade. O texto da história, sempre a retomar, duplica o agir como seu rastro e sua interrogação. Articulado com aquilo que não é – agitação de uma sociedade, mas também a própria prática científica –, ele sublinha o enunciado com um sentido que se combina simbolicamente com o fazer. Não substitui a práxis social, mas é sua testemunha frágil e sua crítica necessária.<sup>1</sup>

---

\* Graduada do curso de história pela Universidade Federal de Uberlândia, bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq e integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC).

\*\* Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, pesquisadora CNPq, coordenadora do GT Nacional de História Cultural e do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC) e editora do periódico *Fênix* – Revista de História e Estudos Culturais.

<sup>1</sup> CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p.54.

Este talvez seja o exercício mais difícil de nosso métier, pois escrever história é saber combinar as experiências de ver, sentir e narrar, através do relato, do discurso histórico que exige precisão e ousadia é que trazemos a público nossas pesquisas que são antes de tudo apenas uma representação de uma realidade vivida em determinado tempo e espaço, fazemos escolhas e recortes em nossas pesquisas e assim como na escrita da história que é múltipla e variada, a qual se debruça na análise dos modos de vivência de “vencedores” e “perdedores”, “explorados” e “exploradores”, “grandes personagens” e “anônimos”.

Trabalhando com análogas temporalidades buscamos no passado o “espelho do fazer que hoje define uma sociedade” como evidência Michel de Certeau, passado que no mínimo é a inspiração e o reflexo do presente, do qual sempre partimos rumo ao primeiro a fim de encontrar algumas respostas para questões inquietantes de nossa sociedade, melhor seja no campo social, econômico, político ou cultural, ou seja ao retornarmos a outra temporalidade temos a pretensão de compreender e interrogar, o que deve se explicitado em nossa escrita levando em consideração que:

Em cada momento da história, existem questões que deixam de ser formuladas e outras estão na ordem do dia: as primeiras são contestadas e rebatidas, enquanto as segundas encontram-se no cerne das preocupações da profissão.<sup>2</sup>

Portanto ao fazer as questões pertinentes a cada contexto estamos elegendando para quem estas deveram ser lançadas e neste mesmo ato escolhemos também aqueles que serão silenciados ou até esquecidos, afinal a escrita da história também bem é lugar da construção e consolidação de uma memória, a qual é composta de conflitos e disputas, assim estamos constantemente a reescrever, a cada nova evidência encontrada um novo discurso pode ser escrito, o que nos mostra o quanto conhecimento histórico é suscetível de mudanças, sendo quase impossível esgotar um tema, e principalmente que nunca conseguiremos escrever tudo sobre ele.

Nosso discurso também só tem sentido se encontramos legitimidade entre nossos pares, ou seja, estamos inseridos em um ofício que tem procedimentos e métodos próprios, o que dá especificidades ao que fazemos, ao construir um objeto e desenvolver

---

<sup>2</sup> PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008, p.79.

um estudo sobre o mesmo é necessário encontrarmos um campo comum para que haja trocas e construção de conhecimento, em nosso caso o da História Cultural que já passou por sua construção em que não é preciso justificar para se aceitação de pesquisas e estudos voltados para linguagens, estéticas, produções artísticas, e demais objetos ligados à cultura, contudo prescindimos como bem colocou Michel Foucault de que:

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa “dizer alguma coisa” e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação – essas condições, como se vê, são numerosas e importantes. Isto significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e na superfície do solo, lancem sua primeira claridade. Mas esta dificuldade não é apenas negativa; não se deve associá-la a um obstáculo cujo poder seria, exclusivamente, de cegar, perturbar, impedir a descoberta, mascarar a pureza da evidência ou a obstinação muda das próprias coisas; o objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-los e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não preexiste a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações.<sup>3</sup>

3

Esse “feixe complexo de relações” que resultou em mudanças, transformações, reinterpretações, novas indagações e possibilidades, ampliando-se assim não somente os objetos de estudo ou a noção de fonte histórica, mas também as formas de investigação no campo historiográfico é que permite desenvolver uma pesquisa que busca promover o diálogo frutífero entre história e teatro, onde o último deve ser entendido como objeto, fonte e documento histórico, fruto da ação humana de um determinado momento, que, portanto traz intrínseco distintas experiências quando se pensa e analisa a historicidade destes.

A luz dessas reflexões iniciais é que pretendemos apresentar o objeto de pesquisa, o qual também é desta narrativa, a saber, a crítica teatral produzida por Sábado Magaldi ao longo de sua carreira promissora enquanto jornalista e professor voltado para o teatro brasileiro principalmente. Temos a finalidade primeiramente de se refletir

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.51.

sobre o que é a crítica teatral? Qual o seu papel dentro do fazer teatral? Qual o lugar de produção da crítica e do conhecimento teatral e quais as articulações inerentes a essa prática social e histórica? Pois o lugar tem muito a dizer sobre quais perspectivas foram construídas as críticas, quais eram as questões instigantes próprias do tempo de quem as escreveram, ou seja, a historicidade, sendo importante atentar para os seguintes apontamentos de Adalberto Marson:

é importante levantar as evidências disponíveis e relacionadas, por exemplo, ao autor, ao texto, ao nível de linguagem etc., deve-se chegar ao contexto mesmo de sua produção, ao vínculo substancial (quando não a inteira subordinação) de sua significação a uma política que é o local privilegiado da junção pensamento/ação. A história contida em qualquer texto pode, assim, ser recuperada tanto em suas expressões imediatas (os acontecimentos), suas impressões sensíveis e fragmentadas (as opiniões de indivíduos ou grupos), suas evidências empíricas (os fatos registrados em local e data), que são a forma pela qual os objetos do passado se apresentam a nós; quanto em seus indícios mais “organizados” e consistentes.<sup>4</sup>

Sendo a crítica utilizada na maioria das pesquisas que trabalham com cena teatral como documento, procuramos toma-la enquanto objeto para compreender de que maneira esta contribui para a construção do teatro brasileiro e sua historiografia, quais os projetos que foram postos na escrita destas críticas, o que elas reivindicavam, deste modo após fazer um mapeamento e levantamento de material de pesquisa, constatando a vasta produção de Sábato Magaldi tomamos o livro “Panorama do Teatro Brasileiro”, obra de grande referência, ainda contemporânea apesar de suas lacunas e outros “defeitos” como próprio autor coloca, tal obra chama a atenção pela ousada pretensão de ser uma escrita da história do teatro brasileiro.

A construção dessa história do teatro brasileiro pelo crítico Sábato Magaldi se faz sobre algumas intenções da época, aspirações e cobranças de seu tempo, o que tomando o livro acima citado enquanto documento e assim como outros devemos ter a noção de que tais documentos evidenciam disputas e tensões de diferentes grupos, são frutos de certa época e representação da realidade vista por aqueles, que produziram, o analisando de forma a não lhe conceder autonomia explicativa, mas sim representação daquilo que pode ou não ter ocorrido, pois ele certamente é o resultado do que os

---

<sup>4</sup> MARSON, Adalberto. Reflexões Sobre o Procedimento Histórico. In: SILVA, Marcos. (Org.). **Repensando a História**. São Paulo: Marco Zero, 1984, p. 50.

indivíduos produziram ou que queriam perpetuar e não aquilo que efetivamente aconteceu, portanto, para nosso ofício, bem como para tal pesquisa, o documento requer um entendimento bastante sutil e nada meramente simplista. E diante disso devemos ter a clareza de que são as especificidades que definem certas escolhas de documentos a serem pesquisados, posto que,

Em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. [...] Longe de aceitar os “dados”, ele os constitui. O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente.<sup>5</sup>

Após fazer uma análise cuidadosa sobre “Panorama do Teatro Brasileiro” logo fica claro a participação da crítica para consolidação e promoção da arte teatral, atentando-se para detalhes da obra encontramos já nos agradecimentos indícios de intenções da escrita da mesma, pois o “estudo foi escrito a pedido do ministro Lauro Escorel de Moraes, chefe do Departamento Cultural e de Informações do Ministério das Relações Exteriores, para divulgação no estrangeiro, em outras línguas”, isto nos remete ao pensamento em voga da época onde tínhamos ainda como parâmetros ou modelos os países europeus, principalmente a França, isto em 1962 quando a obra foi publicada.

O momento histórico da sociedade brasileira se reflete nos objetivos de tal produção, em 1962 estávamos imersos no contexto de uma crise econômica e até mesmo política, de certa instabilidade depois de uma grande campanha pelo desenvolvimento e modernização que se revestia em um discurso de construção da nossa nacionalidade, de nossa identidade, as buscas das origens, assim sendo o papel da cultura era “civilizar” este país, o teatro também deveria contribuir para tal. Não deve ser por acaso a encomenda de uma obra que tratasse da construção de uma dada “História” do teatro brasileiro e que se destinava ser divulgada no exterior, ou seja, era necessário se legitimar frente o outro, o estrangeiro, o “mundo civilizado”, segundo Magaldi:

---

<sup>5</sup> CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p.81.

Nesse jôgo dialético de afirmação nacionalista e de atuação pelos padrões europeus decorreu, até agora, tôda a história do teatro brasileiro.<sup>6</sup>

Já no teatro a década de 50 e 60 foi marcada pela a consolidação da arte teatral, com a melhor organização de grupos teatrais, com cursos de teatro por quase todo o país, com investimento privado e público na construção de casas de espetáculos, era mais que uma reivindicação da crítica à construção de um palco nacional, o qual nele fosse representado nossa “brasilidade”, onde tal prática teria condições de se comparar com outras de qualquer capital europeia, sofrendo as “mesmas vicissitudes”, era necessário “inibir o complexo de inferioridade” como bem colocou Sábado Magaldi.

A arte teatral passava por um momento prospero de grande entusiasmo e caminhava-se sob a inspiração da modernização trazida por Nelson Rodrigues e a encenação da peça “Vestida de Noiva” em 1943, era a consolidação da dramaturgia nacional tão esperada em consonância a aspiração de uma nacionalidade que perpassasse toda a sociedade, portanto ao analisar a obra “Panorama do Teatro Brasileiro” nos deparamos com uma escrita que quer antes de tudo legitimar a arte teatral, mostrando que desde a criação de tal arte em nossas terras esta sempre teve sua peculiaridade, a qual estava ligada com a inserção e influência de elementos dos costumes ou da “cultura” daqueles que aqui habitavam quando a colonização europeia se depreendeu.

A escrita do “Panorama do Teatro Brasileiro” não deixa de representar dentro da historiografia um olhar sobre a história do teatro, mas principalmente demonstra o reconhecimento da incansável luta para construção de tal arte, empreendida tanto por aqueles que escreviam os textos como por aqueles que os levavam a cena, a ideia de “nacionalidade/ nacional” que perpassa toda a narrativa de Sábato Magaldi tem como finalidade divulgar tal pratica que data de mais de quatro séculos de existência neste solo, proporcionando também uma base referencial para a efetivação de uma dramaturgia nacional sendo que:

---

<sup>6</sup> MAGALDI, Sábato. **Panorama do Teatro Brasileiro**. Rio de Janeiro: MEC/ DAC/ FUNARTE/ SNT, s/d, p-13.

Desde a introdução do teatro, em nosso território, se verificam algumas constantes sugestivas, testemunho de uma luta incessável para conferir dignidade ao trabalho do palco. [...] As exigências específicas da América distanciaram as produções de qualquer molde preestabelecido, e não será exagero reconhecer o sêlo de brasilidade em sua estrutura tôska e primitiva. O esforço de aculturação, nesse empreendimento gigantesco de trazer os índios para crença cristã, moldou a forma de um nôvo veículo cênico, que não podia ser inteiramente autóctone mas não se pautava por rígidas regras estrangeiras.<sup>7</sup>

Com estilo requintado de escrita Sábato Magaldi constrói um texto que faz considerações importantes de modo muito sutil e elegante acerca dos principais nomes que estiveram presentes no empreendimento de construção do teatro brasileiro, analisando os principais textos, as encenações daqueles que chegaram ao palco no mesmo de sua produção ou em outros momentos, o lugar que nossos literatos e poetas também tiveram. Assim os fatos apresentados ao leitor são frutos de muito esforço e estudo sendo que não havia o costume de se escrever sobre tal, segundo Magaldi a história do teatro brasileiro ainda estava para ser escrita, sendo assim um trabalho ousado frente à falta de documentação, de organização e mapeamento da mesma, deste modo sua obra permanece pertinente na contemporaneidade por trazer temas que chamam a atenção de estudiosos e amantes do teatro e também pela ausência de publicações sobre este gênero.

Enfim ao tomar o trabalho da crítica dentro do fazer teatral, onde tal ofício mantém um lugar de destaque, buscamos reconhecer o papel dos críticos em um teatro que se faz por atores, encenadores, dramaturgos e tantos outros sujeitos, mas que não deixa de ser o teatro dos críticos, que comprometidos com tal arte como diz Magaldi tem o objetivo contribuir para sua construção, assim:

A tarefa de solidificação da dramaturgia brasileira encontra na crítica apaixonados paladinos, dispostos sempre a reconhecer os valores embrionários.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> MAGALDI, Sábato. **Panorama do Teatro Brasileiro**. Rio de Janeiro: MEC/ DAC/ FUNARTE/ SNT, s/d, p. 12-13.

<sup>8</sup> MAGALDI, Sábato. **Panorama do Teatro Brasileiro**. Rio de Janeiro: MEC/ DAC/ FUNARTE/ SNT, s/d, p-265.

Sob essa perspectiva, percebemos que o crítico se coloca como parte integrante do fazer teatral, sujeito ativo neste processo, com seu ofício deixa a possibilidade de se conhecer em outras temporalidades certas peculiaridades diante da efemeridade de tal arte, estes escritos feitos ao olhar de quem tem certa uma perspectiva, resquícios de um dado momento enquanto objeto e documento deve ser questionado levando em consideração a pretensa parcialidade, o que assim como na história não passa mesmo de uma pretensão, sendo que muitas vezes o crítico assume certo tom em suas colocações dependendo do dramaturgo, encenador, ator que então em análise. Entretanto outra face deste ofício, a de integrante como já mencionado acima se apresenta com suas contradições, uma vez que:

O crítico sério participa do processo teatral, atua para o aprimoramento da arte. Não é necessário citar as numerosas campanhas que ele patrocinou ou apoiou, para a melhoria das condições dos que trabalham no palco. [...] Porque o crítico, à semelhança de qualquer espectador, gosta de ver um bom espetáculo, e sente perda a noite, se não aproveitou nada do que viu. Até para deleite pessoal, o crítico encara o seu papel como o de parceiro do artista criador, irmanados na permanente construção do teatro.<sup>9</sup>

8

Por fim cabe destacar que a narrativa que até aqui se chegou não tinha mais que a pretensão de levar a quem agora lê a mesma conhecer um pouco mais sobre esse diálogo apaixonante entre história e linguagens artísticas que representa um campo de possibilidades, são apenas considerações de momento, suscetíveis de mudanças frente às novas indagações que deparamos ao longo do desenvolvimento do estudo, das questões que são lançadas as especificidades de cada vestígio encontrado nos materiais de pesquisa, mas que tem a finalidade como todo discurso histórico de contribuir para essa área do conhecimento que se faz sobre o prisma da relação entre a “sociedade presente” e a “morte”, ou seja:

Esse discurso se define enquanto dizer, como articulado com aquilo que aconteceu além dele; tem como particularidade um início que supõe um objeto perdido; tem como função, entre homens, a de ser a representação de uma cena primitiva apagada, mas ainda organizadora. O discurso não deixa de se articular com a morte que postula, mas que a prática histórica contradiz. Pois, falar dos mortos é também negar a morte e, quase, desafiá-la. Igualmente diz-se que a história os "ressuscita". Esta palavra é um engodo: ela não ressuscita

---

<sup>9</sup> MAGALDI, Sábato. **Depois do espetáculo**. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 27.

nada. Mas evoca a função outorgada a uma disciplina que trata a morte como um objeto do saber e, fazendo isto, dá lugar à produção de uma troca entre vivos.<sup>10</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Maria de Fátima S. **Sábato Magaldi**: um mineiro no Rio de Janeiro. 2004. 171 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Teatro, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CARDOSO, Maria Abadia. **Tempos sombrios, ecos de liberdade** – a palavra de Jean-Paul Sartre sob as imagens de Fernando Peixoto: no palco, Mortos sem Sepultura (Brasil, 1977). 2007. 274 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: A História entre Certezas e Inquietude. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CRUZ, Heloisa de Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**. São Paulo, n.35, p.255-272, dez.2007.

EAGLETON, Terry. **A Função da Crítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FOCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FREITAS, Talitta Tatiane M. Crítica em crise ou a crise da crítica. In: \_\_\_\_\_. **Por entre as coxias**: A arte do efêmero perpetuado por mais de “Sete Minutos”. 2010. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

---

<sup>10</sup> CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p-53.

GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

KOSEELLECK, Reinhart. **Passado Futuro**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **Memória-História**. Lisboa: Einaudi-Imprensa Nacional, 1984.

MAGALDI, Sábato. O teatro e a função da crítica. *In*: Dossiê: Memória da crítica brasileira. **O percevejo**. Rio de Janeiro: UNI-RIO – Universidade do Rio de Janeiro, Ano 3, Nº 3, 1995.

MAGALDI, Sábato. **Depois do Espetáculo**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_. **Moderna Dramaturgia Brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Texto no Teatro**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_. **Teatro em Foco**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **Teatro Sempre**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

\_\_\_\_\_. **Panorama do Teatro Brasileiro**. Rio de Janeiro: MEC/ DAC/ FUNARTE/ SNT, s/d.

MARSON, Adalberto. Reflexões Sobre o Procedimento Histórico. *In*: SILVA, Marcos. (Org.). **Repensando a História**. São Paulo: Marco Zero, 1984.

PATRIOTA, Rosangela. **A Crítica de um Teatro Crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PATRIOTA, Rosangela O teatro e o historiador: interlocuções entre linguagem artística e pesquisa histórica. *In*: RAMOS, Alcides Freire; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosangela (Orgs.). **A história invade a cena**. São Paulo: Hucitec, 2008.

PATRIOTA, Rosangela. **Vianinha**: um dramaturgo no coração de seu tempo. São Paulo: Hucitec, 1999.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008.

SILVA, Marcos A. **O trabalho da linguagem**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.6, n. 11, p. 45-61, set. 1985/ fev. 1986.

VIEIRA, Maria Pillar ET alli. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 1989.

VESENTINI, Carlos. A. **A Teia do Fato**. São Paulo: Hucitec/História Social, USP, 1997.